

Irmão Francisco e o ato de consagração e união perfeita

A mística da busca contínua da vontade de Deus

Andreia Cristina Serrato

Introdução

Ao aproximar-nos da vida e das obras do Irmão Francisco, chama a atenção a qualidade de sua vida espiritual cotidiana, em que harmoniza mística¹ e práxis. Isso acontece de tal maneira que parece podermos considerá-lo como expoente da espiritualidade do Instituto dos Irmãos Maristas, inclusive como representante da espiritualidade de sua época.

Neste trabalho, tentaremos esclarecer que um dos componentes de sua espiritualidade esteve determinado por sua busca da vontade de Deus. Verificaremos essa afirmação a partir dos escritos que aludem à sua experiência mística² da busca da vontade de Deus em sua vida diária como

¹ Longe de tentar definir a mística – pois qualquer definição simples de tal fenômeno complexo seria utópica – apresentaremos apenas algumas pistas de sentido. Entendemos, no contexto deste trabalho, a mística como modo de vida e como a tentativa de expressar a experiência direta da presença de Deus. Karl Rahner (1904-1984), chamado de *Doctor mysticus* do século XX, afirma que há mística de dois modos: “há a mística da vida diária, a descoberta de Deus em todas as coisas. E há experiências místicas especiais que [podem ser] ser encontradas tanto dentro como fora do cristianismo”. Cf. RAHNER, K. *Practice of Faith*. New York: Crossroad, 1983. p. 78.

² O termo experiência mística, consciente ou inconscientemente, tende a colocar ênfase em estados alterados especiais, como as visões, locuções, êxtases e similares. Admite-se que esses estados tenham um papel importante na mística, mas, como muitos místicos já insistiram, não constituem a essência do encontro com Deus. Muitos dos grandes místicos cristãos, como Orígenes, Mestre Eckhart e João da Cruz, foram radicalmente hostis a tais experiências, enfatizando, ao contrário, o novo nível de atenção, a consciência especial e elevação do amor e do conhecimento, que são dados no encontro místico. B. McGinn prefere utilizar o termo consciência ao termo experiência, seguindo alguns investigadores (*As fundações da mística: das origens ao século V*. São Paulo: Paulus, 2012. Tomo I, p. 19). Entretanto, ele afirma que os dois termos podem ser ambíguos. Por isso, utiliza consciência, por explorar formas de linguagem mais verdadeiras para o registro histórico e, segundo ele, mais precisas para seu significado. Sabemos também que, em discussões recentes sobre mística, vários pesquisadores já sugeriram uma mudança para linguagem da consciência, especialmente os seguidores de Bernard de Lonergan. Explicado isso, esclarecemos que optamos por continuar utilizando o termo experiência.

característica muito peculiar de sua espiritualidade³ marista. Utilizaremos como fonte de investigação especialmente suas resoluções e as reflexões dos retiros espirituais. Porém, dado que as obras escritas do Irmão Francisco são muito amplas e a extensão de nosso trabalho tem limite de espaço nesta edição, vamos delimitar o campo de nossa busca.

Para melhor definir e explicitar nosso objeto de estudo, centraremos-nos no Ato de Consagração e de União Perfeita (ACUP), que ele copia no caderno 302 e lê por ocasião de seus votos, em 1826. A escolha dessa oração sinaliza a busca inapreensível pela vontade de Deus que inicia em sua vida. Escolhemos esse Ato por ser um dos primeiros e porque aparecem partes dele durante outros relatos em que identificamos sua busca pela vontade de Deus, contudo não é o único.

Para iniciar nosso trabalho buscaremos as fontes do ACUP, para tentarmos delimitar os pontos que o Irmão Francisco apenas copiou e os pontos onde insere suas palavras, ou seja, seu próprio desejo de busca pela vontade de Deus. Seguiremos nosso estudo apresentando, na primeira parte, o significado de professar o ACUP e algumas de suas influências. Na segunda, nosso intuito se centraliza em demonstrar o caminho místico de configuração ao corpo de Cristo do Irmão Francisco a partir de sua busca pela vontade de Deus. E, na terceira, sinalizaremos alguns pontos de como sua busca pela vontade de Deus desembocou em uma mística⁴ da práxis e da ética da configuração ao corpo de Cristo.

Um percurso um tanto longo se torna exequível delimitando bem as fontes de pesquisa. Esse percurso será realizado a partir das leituras dos

³ Quanto à espiritualidade, a consideramos com a Escola que é organizada por adesão a partir da experiência mística vivida. Segundo o dicionário de Espiritualidade, doutrina espiritual define-se como as doutrinas espirituais específicas ou particulares, como são as de cada santo, fundadores de ordens religiosas, escola de espiritualidade. Cf. Espiritualidade, In: ANCILLI, E; PONTIFÍCIO INSTITUTO DE ESPIRITUALIDADE TERESIANUM (Org.). *Dicionário de espiritualidade*. v. 1. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2012. p. 1145.

⁴ Uma definição de mística, neste caso a mística da práxis que pretendemos ressaltar em Irmão Francisco, encontra-se em Martin Velasco: é a experiência de encontro que transforma, a pessoa sai diferente, sai com um coração novo, como no caso da conversão de Paulo (At 9,1; 22,3-17; 26,9-18). A aparição súbita, o resplendor que o torna cego, sua queda o fazem perguntar: “Quem és, Senhor? O que devo fazer?” E a resposta de todos os convertidos é o desarmamento do sujeito, de sua cegueira, a mudança de caminho, resultando então no encontro com a pessoa de Jesus Cristo como revelação do próprio Deus que o chama. E Paulo responde: “Que queres que eu faça?”. VELASCO, J. M. *El fenómeno místico: estudio comparado*. Madri: Trotta, 1999. p. 10-12.

cadernos 301, 302, 303 e 304, considerados os mais importantes sobre sua vida espiritual. E mais especificamente em *Aspirations et prières*⁵, um index inserido dos cadernos 303, 304 e 305 com as aspirações e orações, em que apresenta a vontade de Deus em sua vida.

Ato de consagração e de união perfeita: aproximações e originalidade

Apresentamos o ACUP como a manifestação do início da vida mística do Irmão Francisco, uma mística que foi de configuração *ao* corpo de Cristo, pois ele a professou em um dos momentos mais importantes de sua vida, em 1826, por ocasião de seus votos. Segundo o Irmão Lanfrey, essa oração é a mais mística escrita pelo Irmão Francisco, muito embora existam outras⁶. Contudo, ela contém muito do que ele experiencia e acredita, tanto que a repetirá posteriormente em 1839. Esse mesmo ACUP está ligado a outros igualmente importantes, especialmente ao Dever do Estado e à Consagração a Maria.

Nessa época, copiar orações era comum e também considerado um exercício de ascese. Irmão Francisco faz outros escritos sobre a consagração a Deus, como, por exemplo:

Eu me consagro inteiramente a vós para sempre, ó meu Senhor e meu Deus; eu vos dou todo o jardim, a árvore e todos os frutos; minha alma com todas suas potências, meu corpo com todos seus sentidos, que eles estejam continuamente empenhados em vos servir⁷.

⁵ Irmão Francisco escreveu um índice especial para “aspirações e orações”. Aspirações são palavras curtas dirigidas a Deus, mais afetivas, ligadas a um estado de fervor ou desolação. Frequentemente utilizadas durante o dia para lembrar a presença de Deus, chamadas frequentemente “jaculatórias”. São, em suma, os impulsos da alma a Deus e, portanto, mística. As orações, de maneira geral, também revelam profunda espiritualidade do autor. Esses índices, relativamente limitados, e reconhecidos pelo próprio autor como particularmente importantes, parecem a melhor base para explorar a vida mística de Irmão Francisco.

⁶ No caderno 301, p. 43-49, por exemplo, Francisco cita várias orações e maneiras de oração dos santos e santas: Cura D’Ars, Francisco de Sales, Alphonso Rodriguez, São Bernardo, Santo Agostinho, Santa Lidwine, São Vicente de Paulo, São Francisco de Assis, São Francisco Xavier, entre outros. Essas orações permeiam o desejo de encontrar a Deus, buscar sua vontade, ser mais humilde, olhar para os mais pobres, silenciar.

⁷ 302, p. 95.

Citamos também um trecho que Francisco copiou dos Exercícios de Santo Inácio de Loyola, parte que demonstra a antropologia clássica do Exercícios:

Recebe, Senhor, toda minha liberdade, recebe toda minha memória, todo meu entendimento e toda minha vontade. Tudo o que tenho, tudo o que possuo, eu recebi de vós, Senhor, é puro dom de sua generosidade; tudo eu vos devolvo. Disponde deles incondicionalmente segundo a vossa vontade, de modo que disponha de mim como queira. A única coisa que eu peço é a vossa graça e o vosso amor. Se eu tenho a felicidade de obtê-lo, eu sou rico o suficiente e eu nada mais desejo. (Caderno 303, n. 682).

Para Francisco, o ACUP é importante pois é revelador dos grandes eventos de sua vida. Ele copia das leituras que faz, mas normalmente são leituras realizadas nos momentos de encontro íntimo com o Senhor, como nos retiros. Tanto que existem outros atos de consagração no mesmo caderno 302, no caderno 309 e no 304⁸.

Quanto ao ACUP, foi copiado do livro *Devoção ao Sagrado Coração*, de Bonnardel (1759-1836)⁹, e está associado com *Devoção ao Coração de Maria* do padre Gallifet (1663-1749)¹⁰.

Brémond, em *L'Histoire littéraire du sentiment religieux*, desenvolve a ideia de que a oração ao Sagrado Coração tem duas fontes¹¹. Uma

⁸ Para aprofundar o tema, cf. outros atos de consagração: em 1825, caderno 302, p. 81, 95 e 107; em 1826, caderno 302, p. 90, 95, 107; em 1847, caderno 303, p. 669 e 682; em 1853, caderno 304, p. 926; em 1858, caderno 304, p. 1365 e 1366; em 1863, caderno 304, p. 1557; em 1867, caderno 304, p. 1597; em 1869, caderno 304, p. 1634.

⁹ O abade Bonnardel era pároco em Semur-en-Brionnais, cidade situada bem próxima de Paray-le-Monial. A biblioteca de Lyon possui várias edições que Rusand publica na cidade entre 1801 e 1832. Houve outras publicações em outras cidades.

¹⁰ Padre Joseph Gallifet nasceu na França, em Aix en France. Aos 16 anos entrou para o noviciado em Lyon e teve como diretor o padre Colombière. Conhece assim a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e logo se afeiçoa a ela. Foi um dos jesuítas de seu tempo que se destacou por sua sabedoria e santidade. Padre Gallifet estabeleceu os fundamentos teológicos dessa devoção, em 1733, na obra *L'excellence de la dévotion au sacré coeur adorable de J. C.*, que será completada em 1750, e em *L'excellence de la dévotion à la S.V.* Cf. GALLIFET, *L'Excellence de la dévotion au Coeur Adorable de Jésus-Christ*. Montréal: Le Messager Canadien du Sacré-Coeur, 1745/1903. Disponível em: <https://archive.org/stream/cihm_84319#page/n13/mode/1up>. Acesso em: 10 fev. 2017.

¹¹ BREMOND, H. *L'Histoire littéraire du sentiment religieux en France*. v. III. Paris: Bloud et Gay, 1916-1933. p. 629-671.

vem de Bérulle (1575-1629)¹² na Congregação do Oratório, focada sobre a espiritualidade dos estados de Jesus e de sua vida interior, e culmina com São João Eudes (1601-1680)¹³, apóstolo da devoção aos Corações de Jesus e Maria. A segunda fonte tem origem na tradição salesiana das Irmãs da Visitação e na devoção ao Sagrado Coração difundida por Marguerite-Marie Alacoque, de Paray-le-Monial (1647-1690), religiosa visitandina. Em 1673, Alacoque vivenciou suas primeiras aparições: Cristo a instrui em sua Paixão, revela-lhe o amor de seu Coração, a convida a entregar a ingrati-dão dos homens e pede-lhe para instituir uma festa em honra do Sagrado Coração, na oitava sexta-feira após a Festa de Corpus Christi. A partir de 1675, ela recebe o apoio de um jesuíta, padre Claude la Colombière (1641-1682)¹⁴. A festa do Sagrado Coração foi celebrada na Visitação, em 1686, e uma capela foi erguida em sua honra em 1688. No século XVII, a devoção ao Sagrado Coração dá uma guinada original para a tradição do amor a Cristo, levando Marguerite-Marie a aspectos ainda mais particulares: ênfase na expiação, prática de alguma mortificação e presença de certo dolorismo. Posteriormente, expressões literárias ou visuais de devoção de Paray-le-Monial vestiram aspectos por vezes surpreendentes, ao mesmo tempo que se misturavam correntes marcadas com a política¹⁵.

Verificamos que a influência se encontra também nos jesuítas, especialmente em Saint-Jure (1588-1657)¹⁶, no livro *Connaissance et amour*

¹² Cardeal Bérulle foi fundador da Congregação do Oratório na França. Em seu principal escrito, *Discours de l'état et des Grands de Jésus*, desenvolve o apostolado do Verbo encarnado, a que devemos aderir e fazer viver em nós com suas virtudes, desprendendo-se das criaturas e de nós mesmos. TANQUEREY, A. *Compêndio de Teologia ascética e mística*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1961. p. XXIX.

¹³ Eudes foi discípulo de Bérulle e de Condren, fundador da Congregação de Jesus e de Maria (eudistas) e da Ordem de Nossa Senhora da caridade. TANQUEREY. *Compêndio de Teologia ascética e mística*, p. XXXI.

¹⁴ Claude la Colombière foi o jesuíta que apoiou Marguerite-Marie Alacoque na implantação da Festa do Sagrado Coração de Jesus, pois a comunidade dela e mesmo outros padres não acolheram com muito entusiasmo as revelações que ela dizia ter recebido. DUBOIS, J. Marguerite-Marie Alacoque sainte (1647-1690). *Encyclopaedia Universalis* [virtual]. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/marguerite-marie-alacoque/>>. Acesso em: 21 dez. 2015. Irmão Francisco cita Colombière, *Vie de la Bse Marguerite-Marie Alacoque*, no caderno 302.

¹⁵ DUBOIS. *Marguerite-Marie Alacoque sainte (1647-1690)*.

¹⁶ Em suas obras *L'union avec N. S. Jésus Christ e L'homme spirituel*, aproxima-se da escola francesa do séc. XVII. Cf. TANQUEREY. *Compêndio de Teologia ascética e mística*, p. XXVI.

de J. C. A devoção ao Sagrado Coração é popularizada, pois, por ele e por outros padres, em particular Judde (1661-1735)¹⁷ e Croiset (1656-1738)¹⁸, que manteve estreita relação com Marguerite-Marie Alacoque.

Mais tarde, o padre Joseph de Gallifet parece ter uma influência decisiva, com dois livros fundamentais: *L'excellence de la dévotion au coeur adorable de J. C.*¹⁹, onde encontramos a fórmula do Ato de Consagração Pessoal ao Sagrado Coração, composto por Marguerite-Marie²⁰, e *L'excellence et la pratique de la dévotion à la Sainte Vierge*. Em carta ao padre Croiset, ela atribui essa consagração a Nosso Senhor e afirma que a oração vem dele.

Sendo assim, percebemos que o ACUP tem como fonte principal Bérulle e Colombière, e passa a ser divulgado por Marguerite-Marie Alacoque. Em seguida, foi popularizado pelos padres jesuítas Jure, Judde e Croiset. Mas a influência decisiva aconteceu com livros de Gallifet.

Apresentaremos, na sequência, a comparação dos ACUP publicados e suas aproximações com o escrito pelo Irmão Francisco²¹, o que permitirá perceber as influências dessa oração na sua vida, pois acreditamos que o ACUP demonstra muito da unidade com a qual Irmão Francisco desejava estar com Deus para, assim, buscar Sua vontade.

Iniciaremos comparando o Ato de Consagração Pessoal ao Sagrado Coração, composto por Marguerite-Marie, com o Ato de Consagração Pessoal

¹⁷ TANQUEREY. *Compêndio de Teologia ascética e mística*, p. XXIX. Irmão Francisco cita Judde em seus escritos (102 vezes): *Traité de l'oraison* no caderno 302 (1); *Oeuvres spirituelles* no caderno 302 (3), caderno 308 (2) e 312 (1); *Grande retraite* no caderno 302 (25), caderno 307 (9) e caderno 308 (10); *Retraite religieuse* no caderno 301 (4), caderno 302 (11), caderno 307 (21) e caderno 308 (11); *Retraite pour la profession* no 302 (1) e caderno 307 (1); *Instruction sur l'oraison* no caderno 308 (1); *L'art de se connaître* no caderno 307 (1).

¹⁸ Irmão Francisco cita Croiset em seus cadernos (26 vezes). O livro *l'Année chrétienne* é citado no caderno 302 (1), caderno 307 (14) e 312 (9); *Excellence de J. C.*, no caderno 307 (1) e *Méditations sur la vie et les mystères de J. C.*, no caderno 302 (1).

¹⁹ Nesse livro, o autor afirma que a Oração do Sagrado Coração não é nova, embora pouco conhecida pelos fiéis.

²⁰ Se Marguerite-Marie foi a evangelista do Sagrado Coração, o padre Gallifet foi o defensor e o teólogo suscitado por Deus para essa missão providencial que conduziu sua vida. Seis anos após a morte de Alacoque, o culto público do Sagrado Coração foi finalmente reconhecido por Roma, em 1765. Os argumentos citados por postuladores anteriores são rejeitados, contudo os argumentos desenvolvidos por Gallifet, esse valente apóstolo, são aceitos. GALLIFET, J. *L'excellence de la dévotion au coeur adorable de J. C.*, p. X-XI.

²¹ Nosso intuito não é aprofundar as relações entre as orações, que demandaria texto mais extenso.

ao Sagrado Coração, composto pelo padre Colombière, que convém especialmente aos religiosos e é uma maneira de renovar seus votos. Ambos estão no livro de Gallifet *L'excellence de la dévotion au coeur adorable de J. C.*:

ATO DE CONSAGRAÇÃO PESSOAL AO SAGRADO CORAÇÃO, COMPOSTO POR MARGUERITE-MARIE	ATO DE CONSAGRAÇÃO PESSOAL AO SAGRADO CORAÇÃO, COMPOSTO PELO PADRE COLOMBIÈRE
<p>Eu, (Nome), dou e consagro ao Coração de Nosso Senhor Jesus Cristo: minha pessoa e minha vida, minhas ações, penas e sofrimentos, por não mais querer servir-me de nenhuma parte de meu ser a não ser para amar-vos, honrar-vos e glorificar-vos</p>	<p>Ó meu adorável Redentor! Eu me dou e me consagro a vosso Sagrado Coração na maneira mais perfeita e mais ampla que me é possível. Estou pregado à vossa cruz pelos votos da minha profissão; renovo-os neste Coração divino na presença do céu e da terra.</p>
<p>Está aqui minha vontade irrevogável de ser todo dele, e de fazer tudo por seu amor, renunciando de todo coração a tudo o que poderia desagradá-lo. Eu vos tomo então, ó Sagrado Coração, por único objeto de meu amor, o protetor de minha vida, a segurança de minha salvação, o remédio de minha fragilidade e de minha inconstância, o reparador de todos os defeitos de minha existência, e meu asilo garantido na hora de minha morte.</p>	<p>Eu vos dou graças por me tê-los imposto. Confesso que o jugo de vosso santo serviço não é nem rude, nem penoso, que não me encontro de maneira alguma tolhido por meus vínculos. Gostaria ao contrário de multiplicá-los ou de apertar mais seus nós. Abraço, portanto, a amável cruz de minha vocação até a minha morte. Ela será todo meu prazer, toda minha glória e minhas delícias.</p>
<p>Seja, portanto, ó Coração de bondade, minha justificativa para com Deus vosso Pai, e afaste de mim os sinais de sua justa cólera: ó Coração de amor, coloco toda minha confiança em vós, porque temo tudo de minha malícia e de minha fraqueza, mas espero tudo de vossa bondade.</p>	<p>Queira Deus que eu não tenha jamais outro tesouro a não ser sua pobreza, outro deleite que não seja seu sofrimento, outro amor que não seja ele mesmo. Não, não, meu amável Salvador, jamais separar-me-ei de vós, prender-me-ei somente a vós.</p>
<p>Consumai então em mim tudo o que pode desagradar-vos ou resistir-vos. Que vosso amor puro vos transmita tão forte meu coração, que jamais eu vos possa esquecer ou separar-me de vós. Eu vos conjuro por todas as vossas bondades que meu nome seja escrito em vós, porque quero fazer consistir toda minha felicidade e toda minha glória em viver e em morrer na qualidade de vosso escravo. Assim seja.</p>	<p>Os mais estreitos caminhos da vida perfeita à qual sou chamado não me dão medo algum, porque vós sois minha luz e minha força. Espero, portanto, Senhor, que vós me torneis inabalável em todas as tentações, vitorioso contra os esforços de meus inimigos, e que vós estendeis sobre mim essa mão que já me atribuiu tantos favores, para ser-me sempre mais tolerante.</p>
	<p>Eu vos conjuro, meu adorável Jesus, por vosso sangue, por todas as vossas chagas e por vosso Sagrado Coração, fazei com que, pela consagração que vos faço de tudo que sou, eu me torne neste dia uma nova produção de vosso amor. Assim seja²².</p>

²² GALLIFET, F. *L'excellence de la dévotion au coeur adorable de J. C.*, p. 179-180. Encontra-se ainda no livro DEMONTNARD, J. *Dévotion Au Sacré Coeur de Notre Seigneur Jésus-Christ: suivie de la dévotion au Sacre Coeur de Marie, et d'un abrégé de la vie de la soeur Marguerite-Marie Alacoque*. 9. ed. Lyon : Chez Perisse Frères; Paris : Librairie de Perisse Frères, 1831. p. 391-393. Disponível em: <<https://books.google>>

Como verificamos, as orações de Alacoque e Colombière têm muitos elementos em comum, como, por exemplo, o desejo de entregar-se ao amor de Jesus, louvá-lo e unir-se a ele. A consagração nos textos acontece no desejo de entrega total do ser a Deus, no desejo de viver as mesmas coisas que Cristo viveu, seja a dor e a alegria, seja a cruz e o amor.

Veremos na sequência as influências do jesuíta Saint-Jure²³, que utiliza e difunde a Devoção ao Sagrado Coração e é um de seus precursores. Encontramos algumas fontes certas da ACUP em *Connaissance et Amour de J. C.*, no livro II, *Exercícios do santo amor*, capítulo IV, Do amor da benevolência, sessão VII, Outras maneiras de glorificar Deus. Entre estas, citaremos o parágrafo 5º, em que encontramos “Outra maneira de glorificar a Deus”, que pode ser chamado *l'exercice des conventions* [o exercício das convenções], ou “Certo acordo com Deus”, como fazem dois amigos. Saint-Jure oferece algumas convenções, como: “Tome uma imagem de Nosso Senhor e entre em sintonia com ele, pois, todas as vezes que olhar para ela, isso será um testemunho de seu amor por ele que o consome”²⁴.

Saint-Jure escreveu oito convenções como meio para glorificar a Deus: 1) “que vos ofereço e que vos consagro com todo o ardor que seja capaz, que este coração seja tocado”; 2) “Que o julgo único digno de ser o mestre e o único capaz de preencher”; 3) “Que vos agradeço [...] de vos ter pedido com tanta bondade”; 4) “Que vos suplico de lhe tornar mestre, de o possuir e de estabelecer para sempre sua morada”; 5) “Que vos conjuro [...] de se tornar o mestre absoluto, não somente do meu coração, mas de todas as faculdades, e particularmente de todas as paixões que assentam e obedecem este pobre coração” [...]; 6) “Que vos lhe dou absolutamente meu coração e minha vontade e não quero ter nenhuma outra vontade que a sua” [...]; 7) “Que experimento uma alegria extraordinária de ver tanto amor dos santos” [...]; 8) “Que vos tenho uma viva percepção de que pouco amei”²⁵.

com.br/books?id=G-3qEPk1P4YC&hl=pt-BR>. Acesso em: set. 2016.

²³ Segundo *Dictionnaire de Spiritualité*, v. 14, p. 154, Saint-Jure tem espírito fundamentalmente inaciano, mas ele conhece os Místicos do Norte (Ruysbroeck, Tauler, Suso, Hendrik Herp) num momento em que esse conhecimento tinha deixado de ser óbvio. Brémond considera Saint-Jure “um jesuíta beruliano”, mas essa visão é pouco aceita.

²⁴ SAINT-JURE, J. B. *Connaissance et Amour de J. C.*, livro II, p. 153. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=CgM-AAAACAAJ&pg=PA926&dq=Jean-Baptiste+de+Saint+Jure+Connaissance+et+Amour+de+J.C&hl=pt-BR&sa=X&ved=oahUKEwjkn8TQtYbRAhVBhpAKHV0XDSIQ6AEIIZAA#v=onepage&q=Jean-Baptiste%20de%20Saint%20Jure%20Connaissance%20et%20Amour%20de%20J.C&f=false>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

²⁵ SAINT-JURE. *Connaissance et Amour de J. C.*, livro II, p. 153.

Aqui, percebemos a indicação sobre a vontade de Deus sinalizada nessas orações que Irmão Francisco também copia e recita, pois são estes alguns dos autores que mais lê. Isso fica mais claro na comparação entre o ACUP copiado pelo Irmão Francisco e o Exercício das Convenções, de Sainte-Jure. Em itálico, destacamos na segunda coluna a relação da experiência da mística com o corpo e também a busca, em todas as suas dimensões, da vontade e da unidade com Deus.

ATO DE CONSAGRAÇÃO E DE UNIÃO PERFEITA COPIADO PELO IRMÃO FRANCISCO	EXERCÍCIO DAS CONVENÇÕES DE SAINT-JURE
<p>Eu, (Nome), dou e consagro ao Coração de Nosso Eu desejo, ó meu Deus, ser absoluta e perfeitamente unido a vós, andar sempre em vossa santa presença, pensar continuamente em vós, vos honrar, vos amar, vos servir e vos louvar por tudo o que existe e por tudo o que eu possa fazer. “Mas como as ocupações, as distrações e as misérias espirituais e corporais da vida se opõem frequentemente a meus desejos e afastam-me de vós, eis os acordos que ousou fazer convosco e que eu vos rogo aceitar”. (<i>Dévotion au Sacré Coeur de Jésus</i>)</p> <p>Quero, a cada uma das minhas inspirações, atrair-vos para mim, e em cada uma de minhas respirações dar-me a vós, mas na maneira mais perfeita, pelo motivo de amor mais puro, e pelo único desejo de vossa maior glória. Quero, a cada batida do meu coração, dizer-vos que este coração vos pertence, que o dou a vós com toda a afeição possível, que eu repudio todos meus erros, que eu detesto todas suas infidelidades e que vos suplico tornar-vos dele o mestre absoluto para fazer disso um sacrifício perfeito, que o faça passar e perder-se em vosso Ser divino. Todas as vezes que eu olhar a imagem da cruz, que eu vir uma igreja ou que erguer os olhos ao céu, eu pretendo dizer-vos que minha felicidade consiste em olhar-vos, em amar-vos, em pensar em vós, em servir-vos nesta vida e em contemplar-vos na outra com todas vossas amáveis perfeições e que eu me una a todos os atos de amor que foram feitos, que se fizeram e que se farão durante a eternidade por Nosso Senhor Jesus Cristo, pela Santa Virgem, por todos os Anjos, por todos os Santos do céu e por todos os justos da terra. Eu desejo ainda, por todas minhas aspirações, todas as minhas orações, meus pensamentos, minhas palavras, minhas ações e minhas penas, renovar todos os atos de consagração, de união e de penitência que vos tenha feito até agora. E eu desejo por isso dar-me perfeitamente a vós e que tudo o que está em mim vos pertença absolutamente, totalmente e irrevogavelmente. Eu desejo entrar intimamente em vós para que não seja mais eu mesmo, que eu esteja em vós, de maneira que não seja mais eu que viva, mas que sejais vós que viveis em mim, que assim eu louve através de seus louvores, que eu adore por toda a grandeza de vosso ser e que eu vos ame por todo o ardor de vossa caridade. Assim seja²⁶.</p>	<p>Pode-se servir ainda da aspiração e da respiração como uma espécie de convenção. Por uma extraímos o ar em nós, e por outra ele se evapora desde fora. Ora, <i>é certo que Deus está neste ar como em todas as outras criaturas; Concorde com J. C. que para cada aspiração que você deseja atrair e unir a vós com todas as perfeições da sua divindade, todas as suas virtudes, todos os seus méritos e tudo o que está nele</i>, da maneira mais íntima possível, para ser, por esta união, purificado, santificado, iluminado, aquecido e agradável aos olhos, e para ser digno instrumento de <i>sua glória; você quer atrair e unir-se a Ele, não só pela graça, mas também a glória, para o amar, o glorificar, o bendizer, o adorar, agradecer a ele</i>, fazendo-lhe toda a homenagem do vosso coração com os eleitos, por toda a eternidade, sem qualquer intervalo, e com todo o ardor de que você será capaz²⁷. Note aqui que você pode atrair N. S. em vós de acordo com seu gosto, vosso desejo ou necessidade de vosso coração, considerando a variedade de perspectivas, ou como um Deus pleno de luz, de glória e de amor, ou como um Deus humilde, pobre e sofredor, como o mestre que nos instrui, como a força que nos sustenta, finalmente segundo os desejos de vossa devoção. Concorde também com J. C. que, em cada respiração, <i>você deseja se dar a ele, vosso corpo, vossa alma, vossas palavras, vossos pensamentos, vossas ações e tudo o que pode vos fazer pertencer, de alguma maneira que seja, você lhe dê tudo isso com sentimento da mais viva alegria, com toda a perfeição de que você é capaz, com os sentimentos do mais puro amor e o desejo mais ardente de sua glória; [...]</i>²⁸.</p>

²⁶ 302, p. 125-126.

²⁷ SAINT-JURE, J.-B. *De la connaissance et de l'amour du fils de Dieu Notre Seigneur Jésus-Christ*, p. 153-154.

²⁸ SAINT-JURE. *De la connaissance et de l'amour du fils de Dieu Notre Seigneur Jésus-Christ*, p. 153.

A comparação entre esses dois textos mostra-nos que Saint-Jure²⁹ influencia notavelmente o ACUP.

Mais próximo do tempo do Irmão Francisco, encontramos o Abade Bonnardel, em cujo livro *Exercices de la dévotion au Sacré Coeur de Jésus, à l'usage de la confrérie*³⁰ apresenta a devoção do Sagrado Coração e traz uma cópia da oração.

Com ele, a devoção ao Sagrado Coração ganha um cunho de revolução. Sua biografia pode ser significativa para entender a importância de sua contribuição. O Abade Bonnardel terminou seus estudos, ordenou-se padre e tornou-se vigário em Semur, em 1788. É aqui que a tormenta revolucionária o encontra³¹. Sua vida passa a ser muito ameaçada³². Vai para a Suíça e fica ali dois anos. Retorna à França, em 1795, e volta para Semur, escondendo-se de um lado para outro³³. Regressa à sua igreja, sendo nomeado pároco em 1801. Por meio de suas palavras e de seus escritos, faz um enorme bem não só em Semur, mas em todas as paróquias vizinhas. Multidões se reúnem de toda parte para ouvi-lo.

A partir do ano 1797, e no âmbito da perseguição, ele estabelece a devoção ao Sagrado Coração de Jesus em sua igreja. Isso provavelmente muito contribui para manter essa paróquia na vanguarda das mais religiosas da diocese. Ele escreve, então, o excelente livro *Exercices de la dévotion au Sacré Coeur de Jésus, à l'usage de la confrérie*.

²⁹ Irmão Francisco menciona Saint-Jure 62 vezes em seus cadernos. *Connaissance et amour de J. C.* é citado no caderno 301 (3), caderno 302 (8), caderno 307 (11), caderno 308 (9) e caderno 312 (26); *L'Homme religieux* é citado no caderno 302 (1), caderno 307 (2), caderno 308 (3) e caderno 312 (1); *Divines leçons de J. C.* é citado no caderno 307 (1).

³⁰ BONNARDEL, F. A. *Exercices de la dévotion au Sacré-Coeur de Jésus à l'usage de la confrérie établie à Semur-en-Brionnais, et confirmée par N. S. P. le pape Pie VI* (Pontifice de 1775 à 1799).

³¹ Para saber mais, cf.: *Annales des maisons du F. Avit* (1881), *une école de Frères ayant été installée à Semur-en-Brionnais du temps du P. Champagnat*.

³² Certamente durante o terror de 1793.

³³ Ele levou seu zelo secretamente, celebrou a santa missa todas as noites, às vezes em uma casa, às vezes em outra, fez o possível para seu amado rebanho. Quando a tempestade diminuiu um pouco, ele foi capaz de retornar à Igreja em janeiro de 1797. In: *Annales des maisons du F. Avit* (1881), *une école de Frère ayant été installée à Semur-en-Brionnais du temps du P. Champagnat*.

É provável que Bonnardel tenha contatado os Padres da Fé³⁴ no tempo em que esteve na Suíça ou em Roane. Assim, *Exercices de la dévotion au Sacré-Coeur* seriam, portanto, a manifestação, sob a Revolução e o Império, de um catolicismo de resistência espiritual no mesmo espírito que os Padres da Fé. E Irmão Francisco “bebeu” nessa fonte. Sabemos que ele não foi um revolucionário político, entretanto percebemos sua revolução espiritual silenciosa.

Quando Bonnardel morre, o jornal *L'ami de la religion* (volume 91, p. 584) publica uma notícia bibliográfica. A notícia aponta várias obras dele com fins pastorais, mas sem citar o livro, que, no entanto, teve um grande sucesso editorial³⁵. Essa omissão mostra o estado de espírito da época, quando reina, nos mais “iluminados”, um antijesuitismo violento. E a devoção ao Sagrado Coração é considerada jesuíta.

Parece também que estamos diante de um caso interessante de integração de uma mística de domínio na literatura popular, também inserido no contexto de sua época. Como não ser surpreendido, na verdade, diante de um simples livro devocional que oferece uma vida de união com Cristo enraizada na tradição mística do século XVII?

Em qualquer caso, não é surpreendente que Irmão Francisco pudesse ler um livro que estava disponível para o público em geral. É certo, por outro lado, que a maioria dos leitores lê esse tipo de trabalho numa perspectiva devocional. Irmão Francisco o realizou em um sentido místico, como revelado pelo contexto no qual situa o ACUP.

³⁴ Padres da Fé são uma sociedade de padres criada na Alemanha, durante a Revolução. São jovens franceses imigrantes, sob o nome de Padres do Sacré-Coeur. No início, eles se preparam para a reconstituição da Companhia de Jesus. Retornam à França sob o domínio de Napoleão. Pregam, dirigem seminários, criam faculdades, incluindo Lyon e Roanne, com muito sucesso. Mas Napoleão e seu ministro Fouché suspeitam de jesuitismo e sua associação é dissolvida entre 1806 e 1808. E os Padres da Fé se dispersam. Mais tarde, muitos deles se tornarão jesuítas. In: *Annales des Maisons du F. Avit* (1881), *Une École de Frères ayant été installée à Semur-en-Brionnais du temps du p. Champagnat*.

³⁵ Um processo entre o editor Rusand e certo Rivoire, também editor, aconteceu em 1820 sobre *Exercices de la dévotion*. Rivoire, que publicou esses exercícios sem autorização, afirma que o livro não pertence a Rusand, mas é de domínio público, porque Bonnardel teria “roubado” as obras anteriores para compor. E ele cita, entre outros, o livro do padre Gallifet, *L'excellence de la dévotion au coeur adorable de J. C.*; no entanto, parece que ele não conseguiu provar o plágio. Aprendemos, em todo caso, que Rusand adquiriu a propriedade da obra em 1798, por 300 francos dados ao abade Bonnardel. Isto não é surpreendente, porque não só é Rusand o editor, mas católico resistente à Revolução. Ele vai continuar essa resistência durante o Império. RUSAND, M. *Mémoire pour M. Rusand, imprimeur du roi, intimé: à celui du sieur Rivoire*. Lyon: Ballanche, 1820. p. 4-6.

Até aqui traçamos uma linhagem histórica dos atos de consagração destacados, agora faremos comparações entre os atos de consagração. Este quadro apresenta a relação entre a devoção ao Sagrado Coração de Bonnardel e o ACUP do Irmão Francisco³⁶. Os pontos em comum estão em destaque.

ATO DE CONSAGRAÇÃO PESSOAL AO SAGRADO CORAÇÃO, COMPOSTO POR MARGUERITE-MARIE	ATO DE UNIÃO E DE CONSAGRAÇÃO PERFEITA, QUE SE PODE FAZER SOBRETUDO NOS DIAS DA COMUNHÃO. EXTRATO DA OBRA DE BONNARDEL
<p>Eu desejo, ó meu Deus, ser absoluta e perfeitamente unido a vós, andar sempre em vossa santa presença, pensar continuamente em vós, vos honrar, vos amar, vos servir e vos louvar por tudo o que existe e por tudo o que eu possa fazer. “Mas como as ocupações, as distrações e as misérias espirituais e corporais da vida se opõem frequentemente a meus desejos e afastam-me de vós, eis os acordos que ouso fazer convosco e que eu vos rogo aceitar”. (<i>Dévotion au Sacré Coeur de Jésus</i>)</p>	<p>Desejo, ó meu Deus, ser absoluta e perfeitamente unido a vós e que tudo o que está em mim vos honre sem cessar. Mas, infelizmente, as ocupações desta miserável vida opõem-se aos meus desejos. Aqui estão os acordos que faço convosco: dignai-vos a aceitá-los,</p>
<p>Quero, a cada uma das minhas inspirações, atrair-vos para mim, e em cada uma de minhas respirações dar-me a vós, mas na maneira mais perfeita, pelo motivo de amor mais puro, e pelo único desejo de vossa maior glória.</p>	<p>Quero, a cada uma das minhas inspirações, atrair-vos para mim, e em cada uma de minhas respirações dar-me a vós, mas na maneira mais perfeita, pelo motivo de amor mais puro, e não só pelo desejo de vossa maior glória.</p>
<p>Quero, a cada batida do meu coração, dizer-vos que este coração vos pertence, que o dou a vós com toda a afeição possível, que eu repudio todos meus erros, que eu detesto todas suas infidelidades e que vos suplico tornar-vos dele o mestre absoluto para fazer disso um sacrifício perfeito, que o faça passar e perder-se em vosso Ser divino.</p>	

³⁶ Apresentamos este quadro com as orações lado a lado para percebermos as semelhanças e cópias da oração mais precisamente. Em itálico, sinalizamos as aproximações e em negrito, as passagens idênticas.

	<p>Quero, a cada batida do meu coração, dizer-vos que este coração vos pertence, que o dou a vós com toda a afeição possível, que vos julgo o único digno de o possuir, o único capaz de o preencher, que <i>renego todos os desvios deste coração</i>, que detesto todas as suas infidelidades, que vos suplico de tornar-vos dele o mestre absoluto para fazer disso um sacrifício perfeito, que o faça passar e perder-se em vosso Ser divino.</p>
<p>Todas as vezes que eu olhar a imagem da cruz, que eu vir uma igreja ou que erguer os olhos ao céu, eu pretendo dizer-vos que minha felicidade consiste em olhar-vos, em amar-vos, em pensar em vós, em servir-vos nesta vida e em contemplar-vos na outra com todas vossas amáveis perfeições e que eu me una a todos os atos de amor que foram feitos, que se fizeram e que se farão durante a eternidade por Nosso Senhor Jesus Cristo, pela Santa Virgem, por todos os Anjos, por todos os Santos do céu e por todos os justos da terra.</p>	<p>Todas as vezes que eu olhar a imagem de vosso sagrado Coração pretendo dizer-vos que creio firmemente que minha felicidade nesta vida consiste em olhar-vos, amar-vos, em pensar em vós, servir-vos, conformar-me a vosso Coração.</p> <p>Todas as vezes que eu erguer meus olhos ao Céu, pretendo dizer-vos que meu único desejo é de vos ver com todas vossas amáveis perfeições, e que me uno a todos os atos de amor que foram feitos, que se fizeram e que se farão durante a eternidade por Nosso Senhor Jesus Cristo, pela santíssima Virgem, por todos os Anjos, por todos os Santos do Céu e por todos os Justos.</p>
	<p>Todas as vezes que eu elevar meu coração em vossa direção, ó meu Deus, quero vos oferecer a pessoa sagrada de vosso Filho, que quis dedicar-se inteiramente a nossos costumes. Uno todos os instantes de minha vida àqueles da vida do meu Salvador. Que ele seja a alma da minha alma, o princípio e o fim de todas as minhas ações. Eu vos ofereço isso, ó meu Deus, como meu resgate. Ele está carregado de todas minhas dívidas. Eu vos ofereço isso como minha reconciliação convosco e o vínculo de amor que está entre mim e vós. Lembrai-vos, Senhor, que ele me deu tudo o que era dele; seu corpo e seu sangue para nutrir-me; suas chagas para colocar-me a salvo dos golpes de vossa justiça; o Céu, sua herança, que ele adquiriu para mim ao preço de todo seu sangue; sua divindade, a fim de que eu passe de meu ser mortal a vosso ser eterno e infinito. Enfim, ele me deu seu Coração e é esse Coração sagrado que eu vos ofereço para suprir todas as minhas impotências.</p>

	<p>Ó divino Coração de Jesus, quero, por todos os meus suspiros, renovar todos os atos de consagração, de união e pedidos de desculpas que vos fiz até o momento. E desejo, por esses movimentos leves, dar-me tão perfeitamente a vós, que tudo o que está em mim vos pertença absoluta, total e irrevogavelmente.</p>
<p>Eu desejo ainda, por todas minhas aspirações, todas as minhas orações, meus pensamentos, minhas palavras, minhas ações e minhas penas, renovar todos os atos de consagração, de união e de penitência que vos tenha feito até agora. E eu desejo por isso dar-me perfeitamente a vós e que tudo o que está em mim vos pertença absolutamente, totalmente e irrevogavelmente. Eu desejo entrar intimamente em vós para que não seja mais eu mesmo, que seja em vós, de maneira que não seja mais eu que viva, mas que seja vós que vivais em mim que assim eu louve através de seus louvores, que eu adore por toda a grandeza de vosso ser e que eu vos ame por todo o ardor de vossa caridade. Assim seja³⁷.</p>	<p>Desejo dessa forma entrar tão intimamente em vós, que eu não seja mais do que um mesmo ser convosco, de maneira que não seja mais eu que viva, mas que seja vós que vivais em mim. Como uma gota de água perde-se e confunde-se tanto com o vasto oceano que depois não é mais possível distingui-la, da mesma forma, ó meu Jesus, que minha alma se perca tanto em vossa infinidade que não seja mais separada dela. Que assim eu vos louve por vossos próprios louvores, que eu vos adore por toda a grandeza de vosso Ser, e que eu vos ame por todo o ardor de vossa caridade. Assim seja³⁸.</p>

Constatamos com a apresentação da fundamentação da oração do ACUP de Irmão Francisco que ele não só copia parte da oração do livro de Bonnardel³⁹, apenas o que lhe interessa, mas acrescenta também suas palavras, traz elementos de outras orações apresentadas anteriormente ou mais, sua experiência e vivência. Claro que ele experimenta daquilo que é vigente na época e do que chega até ele.

Entre esses elementos, uma palavra central é “cruz”, descrita nas orações anteriores, pois na oração de Bonnardel o olhar se dirige ao coração. Em Colombière, ele fala de estar pregado à cruz, contudo um dos focos de Francisco foi dirigir seu olhar à cruz. Poderia copiar da oração que seu olhar estaria no Sagrado Coração para ver a felicidade e assim amar

³⁷ 302, p. 125-126.

³⁸ BONNARDEL, F. *Exercices de la dévotion au Sacré Coeur de Jésus*, p. 146-150.

³⁹ Nossa intenção não foi fazer um estudo preciso das fontes do Ato de Consagração ao Sagrado Coração, mas tentar inserir a oração do Irmão Francisco no contexto da época e verificar as aproximações e cópias.

e servir, mas ele escreve que seu olhar está na cruz para ver a felicidade e assim mais amar o Cristo e servi-lo. Ele afirma que toda vez que vir a imagem de uma cruz, olhar para uma igreja ou erguer os olhos para o céu será como amar, pensar, contemplar, unir-se a todos os atos de amor de Nosso Senhor Jesus Cristo. Esse uso do termo cruz sinaliza a dimensão de entrega de vida e busca da vontade de Deus que Irmão Francisco escolhe para si.

É importante perceber que a oração de Bonnardel tinha certo cunho político e revolucionário para o momento histórico em que vive Irmão Francisco, visto que professar tal oração era assumir uma linha contrária ou, ao menos, que questionava o pensamento ordinário! Professar a cruz como caminho era assumir o cristianismo em todas as suas dimensões. Era assumir a sua época, a espiritualidade vigente. E ainda recordamos que o jovem sucessor de Marcelino Champagnat professa essa oração em momentos decisivos de sua vida na certeza de sua escolha estar em unidade com a vontade de Deus.

A partir das orações do Sagrado Coração apresentadas, há controvérsias sobre quem realmente escreveu a oração primeiro. Verificamos que elas se imbricam e sofrem influências – isso basta para nós, no momento. Assim, demonstrar a fonte nas outras orações destaca o elo que existe entre elas e também reforça as leituras e as diversas influências de Irmão Francisco durante seus retiros espirituais. Merece um estudo posterior a influência entre as diversas orações de consagração.

Por isso, é importante para nós destacarmos as aproximações e originalidades de Francisco. Ao copiar as orações, ele as mescla com suas próprias características: dar-se por inteiro na busca da vontade de Deus, principalmente no seguimento da cruz de Jesus Cristo, por dirigir o olhar à cruz.

Contínua busca da vontade de Deus

Após relacionarmos o ACUP de Irmão Francisco com outros atos de consagração de Bonnardel, M. M. Alacoque, Colombière e Saint-Jure, tentando sinalizar as origens, percebemos que professar essa oração não tem somente a ideia de um voto, é mais que isso, tem-se o desejo de entregar-se e abandonar-se em Deus.

Em um trecho da oração transcrita pelo Irmão Francisco, ele destaca o desejo de unidade e de entrega:

Quero, a cada uma das minhas inspirações, atrair-vos para mim, e em cada uma de minhas respirações dar-me a vós, mas na maneira mais perfeita, *pelo motivo de amor mais puro, e pelo único desejo de vossa maior glória*⁴⁰.

Ele sinaliza sua busca de unidade e da vontade de Deus⁴¹ para sua vida, isso em 1826.

Apresentamos, agora, algumas citações dos cadernos 301, 302, 303 e 304, que consideramos mais importantes para verificar o quanto foi se tornando cada vez mais significativa e cara a busca da vontade de Deus para o jovem francês. As citações seguem a ordem cronológica, o que nos permite constatar nos relatos certo amadurecimento.

Na anotação do caderno 301, escrito em 1839, afirma:

A vontade de Deus se manifestou. Eu me submeto a ela na doce confiança de que Aquele que, com uma mão, impõe-me este fardo, com a outra, sustentará seu peso. Aqui estou eu colocado diante de meus Irmãos para amá-los e prezá-los todos com um afeto sensível⁴².

Percebemos os sinais de sua confiança na vontade de Deus manifestada que ele está experimentando⁴³. O Irmão Francisco cita ainda Cura d'Ars sobre a vontade de Deus:

Em todos os julgamentos, é necessário que a razão seja nossa lei e a vontade nossa chama. Nada fortalece nossas marchas e nos mantém no caminho certo como ter o coração na justiça e na verdade⁴⁴.

⁴⁰ 302, p. 126. Itálico é acréscimo.

⁴¹ Citações de Irmão Francisco sobre a vontade de Deus nos cadernos: 302(3), 303(25) e 304(38), com um total de 66 citações.

⁴² 301, p. 43.

⁴³ Irmão Francisco cita ainda Santo Ambrósio no caderno 301, sobre o tema da realização da vontade de Deus. 301, p. 43.

⁴⁴ 301, p. 321. *Vie du Curé d'Ars*, L. 4, C. 12, vol. 2, p. 361.

No caderno 302, cita-se um trecho do livro *Imitação de Cristo*, em 1823:

Deseje e reze sempre para que a vontade de Deus se realize plenamente em vós⁴⁵.

Ao iniciar um retiro em 1827, o jovem Irmão Francisco escreve as disposições para entrar em um retiro e, claro, destaca dentre o recolhimento, o fervor e a coragem, a sua vontade de estar totalmente em Deus:

Disposições para bem fazer o retiro: [...] 2º Espírito de oração; Recolhimento; Fervor; Coragem. 3º Vontade sincera de estar todo em Deus, de tudo sacrificar. 4º Vós me fizestes para vós, ó meu Deus, e meu coração estará inquieto, em contínua dor enquanto não repousar em vós. [...]⁴⁶.

Destacamos, nesse trecho que copia, o desejo de unidade que o leva a buscar a vontade de Deus.

Em abril de 1828, cita mais precisamente que deve se manter na presença de Deus para receber as influências de seu espírito: “Devo ser o modelo para os outros, eles têm os olhos fixos e parados em mim. Eu permaneço sempre na presença de Deus para receber continuamente as influências de seu espírito [...]”⁴⁷. E continua escrevendo sobre a vontade de Deus:

Que vossa vontade seja feita sobre a terra como no céu. 2 – A vontade de Deus é regra de ouro, portanto São João fala (Apocalipse 3), com a qual devemos medir todas nossas ações. Meu alimento é para fazer a vontade daquele que me enviou. 3 – Quem fizer a vontade de meu Pai celestial entrará no reino dos céus. 4 - Se alguém serve a Deus, Deus ouve e dá-lhe tudo o que ele pede, o Senhor faz a vontade dos que creem (Mt 6,7; Jo 4,9; Sl 144)⁴⁸.

⁴⁵ 302, p. 6. Cf. (Imit. L. III, C. 37).

⁴⁶ 302, p. 127. (Jude, *Retraite (Colin) religieuse, préparation*, vol. 3, p. 5).

⁴⁷ 302, p. 152.

⁴⁸ 302, p. 152.

Nessas citações em seus retiros percebemos que busca entender, muito mais, viver esta vontade de Deus a partir de seus referenciais cristãos⁴⁹. Entre algumas citações, o Irmão Francisco relaciona o amor de Deus à vontade de Deus, ou seja, amar é sempre buscar a vontade de Deus. Amar a Deus é amar o outro, assim como muitos santos demonstraram. Assim, no retiro de outubro de 1828, na *Preparação, revisão, Deus somente!*, cita as seguintes referências:

Conserve-nos no amor de costume para você que é a graça santificante; inspire-nos este amor atual, na qual todas as ações sejam animadas. Dê-nos este amor eterno, fazendo-nos viver para vós e por vós; nos dê a felicidade de morrer no exercício do vosso amor para continuar na eternidade abençoada. Assim seja (Imitação de J. C. p. R. P. Gonnelieu, jesuíta, L. III, C.V, Oração). A vontade de Deus é que você seja santo, cada um de vós saiba possuir o vaso de seu próprio corpo santa e honestamente. (1Tes 4). Dá-me, ó meu Deus, as luzes, as graças e as forças de conhecer e realizar tudo e em toda parte vossa Santa vontade (Imit. J.C. L.II, C.V)⁵⁰.

O Irmão Francisco, através dessas citações, solicita ainda a graça de conhecer, compreender e manter-se na vontade de Deus. No retiro em 1829:

Que a vontade de Deus se realize completamente!⁵¹.

Essa busca da vontade de Deus o leva a revestir-se da vontade de Cristo, como demonstra em um trecho que copia em 1831, comparando a vontade de Jesus com a sua:

Oh! Se a santa vontade de Deus foi cumprida no meu coração como foi por Jesus, eu ficaria feliz! Eu quero apenas, ó Jesus, o que você quer!⁵².

⁴⁹ Irmão Francisco cita o caderno 302, n. 161 e afirma que fazer a vontade de Deus é também fazer a vontade de seu superior. Escreve isso citando o que Santo Estanislau Kostka dizia a seus confrades (*en sa vie*).

⁵⁰ 302, p. 189.

⁵¹ 302, p. 218.

⁵² 302, p. 259. *Paraphrase du Pater à Jésus* (Ic. VII° inst. P. 65).

Outro dado interessante é perceber que descreve o ato de estudar como vontade de Deus:

Por fim, nunca se deve procurar o prazer e a satisfação encontrados nos estudos, mas é preciso estudar para fazer a vontade de Deus, para saber das suas funções e para ensinar aos outros quando somos forçados⁵³.

Ainda copia uma parte em que descreve a alegria quando a vontade de Deus se une à nossa, realiza no ser humano:

Viveríamos felizes, se pudéssemos fazer a nossa vontade a vontade de Deus e nunca deixar o que ele quer! Então veríamos com prazer que a vontade de Deus, que seria a nossa, se realizaria continuamente em nós e em todas as coisas⁵⁴.

No retiro de 1844 enumera os deveres do cristão sobre as faculdades da alma e do corpo para viver segundo a vontade de Deus:

1º Conhecer, amar e servir a Deus; 2º Usar as faculdades da alma e do corpo de acordo com a vontade de Deus; 3º Amar o próximo como a si mesmo em relação a Deus⁵⁵.

Em seguida, no ano de 1847, durante o retiro, escreve sobre sua entrega a Deus, pois deseja oferecer-se inteiramente:

Meu Deus, eu vos ofereço tudo o que tenho, tudo o que sou, tudo o que sei, tudo o que puder, tudo o que faço, tudo o que sou, para você, com você, por você⁵⁶.

Em 1851, também no retiro, descreve:

Esta palavra: a vontade de Deus, semelhante à madeira mostrada a Moisés, que assumiu a partir das águas da amargura, suaviza o que

⁵³ 302, p. 260.

⁵⁴ 302, p. 290 (Rodriguez, *Perf. Chrét.* 1º p. 86).

⁵⁵ 303, p. 380.

⁵⁶ 303, p. 669 (Grasset, *Considér*, 5º lundiAvent).

é amargo na vida. Não somente é Deus que nos envia nossas dores, mas para o nosso bem espiritual que no-los envia. Não façamos, portanto, objeto de reclamação o que deve ser motivo de reconhecimento (Ex 15)⁵⁷.

Logo em 1852, afirma:

A vontade de Deus será a minha regra; o céu será minha felicidade. Nós suportamos todas essas coisas por Ele que nos amou (Rm 8). Eu louvo e bendigo ao Senhor por tudo o que ele fez e que tem feito e como ele tem feito⁵⁸.

Na sequência escreve:

Experimente ter a todo tempo em sua mente a presença de Deus, no seu coração uma submissão às suas vontades, em suas ações uma intenção pura e direita, em suas palavras muito de caridade e bondade, nos seus sentimentos uma humildade profunda, em vossa maneira uma modesta simplicidade, e em toda a vossa condução um ar sempre satisfeito ao serviço de Deus⁵⁹.

E ainda conclui:

Senhor, eu vos ofereço tudo o que sou, tudo o que tenho, para a sua maior glória. Eu vos seguirei onde quer que vá⁶⁰.

No retiro de 1863, Irmão Francisco deixou sua função de superior geral e agora vive em L'Hermitage:

Oh! Deus é bom para aqueles que estão nele! E aqueles que estão em Deus são bons! Oh! Deus é bom para aqueles que amam! E que aqueles que amam a Deus são amáveis! Oh! Deus é maravilhoso para aqueles que o servem e aqueles que servem a Deus são maravilhosos! É bom estar com eles!⁶¹.

⁵⁷ 304, p. 808.

⁵⁸ 304, p. 830 (Godescard, 1^o janvier).

⁵⁹ 304, p. 1557.

⁶⁰ 304, p. 1597 (Mt 8).

⁶¹ 304, p. 1557.

E assim ele direciona sua vida para estar com Deus. Percebemos, assim, certo amadurecimento quanto à sua entrega à vontade de Deus e, como isso fazia sentido, pois desejava viver n'Ele a partir de seu amor. Sobre a vontade de Deus, podemos observar em seus cadernos que ele inicia escrevendo sobre o desejo de abrir-se à vontade de Deus, nos primeiros anos, depois escreve sobre ser modelo para os outros, afirma posteriormente que todo seu ser deve abrir-se plenamente à vontade de Deus para mais amá-lo. Percebe também que a vontade de Deus está em atos de seu cotidiano, como estudar. E antes de agradecer a bondade infinita de Deus, ele escreve que a busca da vontade de Deus o leva a revestir-se de Cristo. Trata-se, pois, de um verdadeiro caminho de amadurecimento espiritual.

E para viver a vontade de Deus, ou seja, viver esse amor, o Irmão Francisco apresenta a oração como meio:

A oração é o alimento da alma como o pão é o alimento do corpo. Não se pega indiferentemente uma substância qualquer para um alimento, mas quando se tem certeza da boa qualidade do alimento, temos que aproveitar, apesar de não entender como ele funciona em nós. Os salmos e orações da Igreja são obra do Espírito Santo; nós sempre devemos recitá-los com grande proveito, mesmo se não os entendemos; desde que nós não coloquemos obstáculos aos seus efeitos benéficos⁶².

Verificamos a importância da oração para Francisco, não somente a fórmula, mas a qualidade da oração, tanto que a compara ao pão, ao afirmar que a oração é para a alma o que o pão é para o corpo. Mesmo não sabendo muito bem como funciona, a qualidade do alimento é importante.

No caderno 302, o Irmãozinho de Maria escreve, copiando um trecho do livro *Imitação de Cristo*, do qual sofreu influência:

Odeio o que causa a aridez espiritual. As receber com alegria, seja como punição ou como alimento sólido. Não pare de orar ou trabalhar com força e coragem. O lema: que a vontade de Deus se faça em tudo!⁶³.

⁶² 303, p. 645.

⁶³ 302, p. 218 (*Imitation de J. C. L. 1, C. 9; L. 3, C. 15*).

Esse lema mostra que essa busca pela vontade de Deus permeia a vida de Francisco em todos os momentos. Observamos que seu início está marcado pelo ACUP, pois foi uma das primeiras orações que copiou, mas que continua presente ao longo de sua vida, percorrendo um caminho de amadurecimento, como apresentamos.

Ainda, explica que é importante realizar a leitura assídua da palavra de Deus:

Agora, na leitura dos livros sagrados, bons livros, é o Espírito Santo, é o próprio Cristo que continua a falar-nos e a instruir-nos⁶⁴.

Verificamos, assim, que Francisco busca a vontade de Deus em sua vida, e isso se evidencia seja nas citações que copia ou mesmo nos textos que ele mesmo escreve. Interessante constatar que ele busca essa vontade a partir do desejo de unir-se a Deus, ou seja, ao amor, mantendo-se firme nas orações, o que fica muito claro ao ler suas anotações de retiro. Ele despoja-se de si mesmo e mergulha no encontro profundo com o Senhor.

A partir dessa descrição da busca pela unidade e vontade de Deus na existência de Francisco através “de orações”, sinalizaremos vestígios de uma mística de configuração ao corpo de Cristo.

A mística da práxis e da ética da configuração ao corpo de Cristo

A mística possui uma linguagem própria, simbólica e poética, mas é sempre linguagem aproximativa⁶⁵. Nunca é possível dizer o todo da experiência mística, nós não a dominamos, não a apreendemos, ela constantemente nos escapa. Tentamos traduzir em formas finitas o que é infinito. Na linguagem mística, o autor está totalmente implicado na experiência, e todos os sentidos se transmutam. Há uma ruptura com a forma ordinária da consciência. A experiência mística descentra a pessoa: ela sai de seu ego e é

⁶⁴ CIRCULAR DE IRMÃO FRANCISCO: Notre-Dame de l'Hermitage, 9 de abril de 1853, n. 52.

⁶⁵ Na conexão entre mística e mistério, encontramos uma união entre a interioridade da pessoa e a exterioridade da palavra; assim, Henri de Lubac afirma que “o mistério desperta a palavra que está no íntimo da pessoa”. LUBAC, H. *Histoire et Esprit: l'intelligence de l'écriture*. Paris: Cerf, 1950. p. 347-348.

reestruturada a partir daquilo que tem de mais profundo. Essa experiência acontece no corpo de carne, frágil, finito. Esse é o processo que percebemos no Irmão Francisco.

Ele fez profunda experiência mística a partir da oração do ACUP. Essas experiências acontecem através da entrega de todo seu ser. É uma experiência mística que se dá em sua carne (fragilidade e vulnerabilidade), em seu corpo (relacionalidade), e que ele manterá ao longo de sua vida.

Podemos, então, distinguir na vida mística do jovem Francisco três etapas, segundo Lanfrey⁶⁶. A primeira, consideramos o momento de seus votos, em 1826, quando a leitura do ACUP foi precedido de uma “*oração para pedir a graça de seu estado*”, para que não falte interesse em seguir fielmente a Cristo e, ainda mais, é possível buscar e cumprir a vontade de Deus em seu estado de vida⁶⁷. A segunda etapa ocorreu em 1839, quando o Irmão Francisco, nomeado diretor geral, faz reflexões pessoais e renova suas consagrações. E a terceira acontece por volta de 1860, quando ele pede demissão de seu cargo e a oração do ACUP é renovada.

A partir dos elementos que apresentamos em nossa pesquisa, podemos observar que os sinais de abertura para a experiência mística de Francisco acontecem a partir da oração do ACUP, mas também na repetição desta e de outras orações e pensamentos da época, como demonstramos na primeira parte. Isso o faz um filho de seu momento histórico e o caracteriza na mística vigente da época, quando prevalecia uma busca da vontade de Deus e de configuração ao corpo de Cristo com todo seu ser⁶⁸.

Ao mesmo tempo, ele viveu a mística com seus próprios traços, iniciada por sua opção de vida, algo ainda em construção, que delineava a es-

⁶⁶ LANFREY, A. Descobrimo o Irmão Francisco Rivat: vida, espiritualidade e governo. *Caderno Ciência e Fé*, v. 3, n. 2, 2015. p. 45

⁶⁷ A Oração para pedir a Deus a graça de seu estado (*Prière pour demander à Dieu la grâce de son état*) encontra-se no caderno 302, p. 124: “Dá-me a submissão à vossa vontade”.

⁶⁸ Esses dois momentos podem configurar estudos posteriores a este capítulo. André Lanfrey explica que foi o próprio Irmão Francisco que decidiu, em seu primeiro contato, entre 1818 e 1819, passar de interno e pensionista para ser companheiro dos demais Irmãos, desistindo do projeto de ser sacerdote. Lanfrey afirma também que há poucos indícios, nos documentos preservados, sobre a influência de Champagnat. Os cadernos de notas espirituais do Irmão Francisco, iniciados em 1919, mostram que ele incorporou bem a espiritualidade marista. Interessante que ele anota algumas palavras de Champagnat que mais o impressionaram, contudo ele copia notas dos pregadores dos retiros o que o seduziu foi o espírito marista. Cf. LANFREY. *Descobrimo o Irmão Francisco Rivat*, p. 36.

colha de ser Irmão, inaugurando uma nova maneira de viver, um caminho espiritual, no qual é o próprio Cristo que continua a falar-nos. Entretanto, não podemos negar que sua experiência traz no bojo toda uma gama de influências, como citamos, a partir de suas anotações⁶⁹.

Em 1847, escreve em um retiro, sem citar fonte:

“Meu Deus, eu vou fazer esta ação por amor de vós; permita-me vos oferecer em honra e unidade de ação que Jesus Cristo, seu Filho, fez enquanto ele esteve na terra; concede-me a graça de fazer o que possa agradá-lo. Vou continuar, ó meu Deus, para fazer todas as minhas ações por amor a vós”⁷⁰.

E na sequência copia a oração de Santo Inácio:

Recebe, Senhor, toda minha liberdade. Recebe toda minha memória, todo meu entendimento e toda minha vontade. Tudo o que tenho eu recebi de vós, Senhor, é um puro dom de vossa liberdade; eu vos devolvo tudo. Eu me abandono sem reserva à sua vontade, a fim de vos dispor de mim como queirais. A única coisa que eu vos peço, é a vossa graça. E o vosso amor. Se tenho a felicidade de obter, eu sou muito rico e eu não desejo nada mais (Exercícios de Santo Inácio)⁷¹.

Essa oração diz muito sobre seu *Acte de Consecration*. Foi um homem envolvido em sua época, seja no domínio profano, seja no domínio religioso. Tinha um conhecimento complexo, inscrito em um catolicismo intermediário, nem muito cientista nem popular, mas que toca os dois meios. É, portanto, bom exemplo de espiritualidade do meio congreganista (Châtellier, 1987), que testemunha a “invasão mística” do séc. XIX.

⁶⁹ À época de Francisco, temos a influência marcadamente da Escola Francesa do século XVII, que possui uma espiritualidade ligada aos dogmas de fé, sobretudo da Encarnação. Incorporado em Cristo pelo batismo, o ser humano recebe o Espírito Santo que vem habitar em sua alma. Por isso deve, em união com o Verbo Encarnado, glorificar a Deus que vive nele e reproduzir as virtudes interiores de Jesus, combatendo vigorosamente as tendências contrárias da carne ou do homem velho. O fundador dessa escola é o Cardeal Bérulle. Pertencem ainda a essa escola a Congregação do Oratório, M. Olivier, São Vicente de Paulo, São João Eudes, São Sulpício, entre outros. TANQUEREY, A. *Compêndio de Teologia ascética e mística*, p. XXI.

⁷⁰ 303, p. 652.

⁷¹ 303, p. 682.

Uma das áreas de interesse do Irmão Francisco são as ciências da vida, a qual se associa com sua vida espiritual. Ele interessa-se pela Botânica e pela Medicina, devido às suas funções de enfermeiro e de farmacêutico⁷², que retoma a partir de 1860, muito necessária em uma casa onde a doença era problema permanente devido ao grande número de pessoas. Percebemos sua preocupação com a saúde física e não somente espiritual. Interessante notar que foi a pedido de Marcelino Champagnat que ele aprofunda seus estudos como enfermeiro. Boa parte de seus escritos, em oito coleções, está repleta de nomenclaturas e de listas de remédios⁷³. Fica evidente sua preocupação com a cura das pessoas, não somente com a alma, mas com o corpo.

O estudo se considerava necessário à vida espiritual, para evitar a desocupação. Francisco praticou o trabalho de escrever como exercício ascético⁷⁴.

Fazemos referência então a esse texto que ele cita para demonstrar a relação entre o corpo e a alma, que se insere no pensamento vigente da época:

O bispo de Antioquia, São Flaviano, trabalhou desde a sua juventude para domar a carne pelo jejum e outras mortificações corporais, mas ele manteve sempre uma sábia moderação e, recusando para seu corpo tudo o que poderia fomentar a colheita da carne contra o espírito, deu-lhe tudo o que era necessário para manter a sua saúde, a fim de emprega-la utilmente para o serviço de Deus. Ele observou esse tipo de vida até sua morte⁷⁵.

Irmão Francisco sente e vive com todo o seu ser a vida mística e a vida de superior geral. Há sintonia com seu corpo e sua oração, a sintonia dos batimentos cardíacos. Afirmamos que, nesse caso, sua prática corporal também teve implicações místicas. Não podemos deixar de lembrar que ele

⁷² LANFREY. *Descobrimo o Irmão Francisco Rivat*, p. 42-43.

⁷³ LANFREY. *Descobrimo o Irmão Francisco Rivat*, p. 43.

⁷⁴ LANFREY. *Descobrimo o Irmão Francisco Rivat*, p. 43.

⁷⁵ 301, p. 193.

sofria fortes dores de cabeça. Sente e vive com todo o seu ser integralmente⁷⁶ e, assim, o exercício corporal o conduz ao exercício espiritual.

No caderno 301, Francisco cita a vida de São Luiz Gonzaga. Conta a história desse santo⁷⁷, que, aos 13 anos e meio, contrai uma dor de cabeça que continua sem diminuir até o final de sua vida. Ele não procura nenhum remédio para atenuá-la; ele mesmo estudaria para mantê-la e assim lembrar a Paixão de Jesus Cristo e conformar-se, em parte, à coroação de espinhos, encontrar uma oportunidade de ganhar sem ser um impedimento para o que ele tinha que fazer⁷⁸. Recordamos que Francisco troca, nessa citação, a palavra coração por cruz, como vimos antes.

Sendo assim, observamos que, na perspectiva cristã, o ser humano revela-se sobremaneira “carnal” enquanto vulnerabilidade. No corpo torna-se possível a relação com o Outro; e na carne, expressão da finitude, acontece a encarnação no mundo. Essa percepção vem confirmada pela Sagrada Escritura para a qual o corpo assume o caráter ontológico, graças ao fato de que o “Verbo se fez carne” (Jo 1,14).

Entendemos que a experiência mística do Irmão Francisco foi intensa e se concretizou também na medida em que sentiu as dores em seu próprio corpo. Como se mantém fiel à sua experiência primordial, esvazia-se para entregar-se ao sentir em sua “carne as dores do mundo”⁷⁹. Marcelino

⁷⁶ No retiro de 1834, escreve: “13º O corpo faz em parte o que queremos, e se acostuma com tudo quando é bem conduzido, ele é o nosso servo, e nosso escravo; quando é comandado com autoridade, ele obedece. Em vez disso, se lhe é dado mais, mais acariciado, torna-se rebelde” (Saint-Jure, *L’homme religieux*, L1, Ch. 6 e 9), 303, p. 421. Quando a alma não puder rezar através da reflexão, ou dos afetos, é necessário que o corpo reze através da postura e das ações; ou seja, das boas e santas intenções.

⁷⁷ 301, p. 207.

⁷⁸ 301, p. 207. Além de São Luiz Gonzaga (Vie, 1P, C. 7, p. 36), lembramos aqui de Simone Weil, intelectual e mística francesa do século XX, que também sofria de intensas dores de cabeça. Embora de épocas diferentes e sem relação entre ambos, a citamos apenas para mostrar como em meio à dor busca encontrar a alegria. Interessante que ela realiza sua primeira experiência mística no momento de extrema dor. Ela acompanhava todos os ofícios durante a Semana Santa, e relata sua experiência: “Cada som me feria como um golpe, e um extremo esforço de atenção me permitia sair desta miserável carne, deixá-la sofrer sozinha, abandonada em seu rincão, e encontrar uma alegria pura e perfeita na beleza inaudita do canto e das palavras. Esta experiência permitiu-me, por analogia, compreender melhor a possibilidade de saborear o amor divino através da desgraça. No curso daqueles ofícios, o pensamento da Paixão de Cristo entrou em mim de uma vez para sempre”. WEIL, S. *Attente de Dieu*. Paris: La Colombe, 1952. p. 37.

⁷⁹ Sendo assim, a experiência ética também remete à experiência mística porque a experiência ética é misteriosamente um encontro com Deus. A experiência ética é um espaço de autotranscendência

Champagnat sente e sofre também as dores em sua carne, em seu corpo, pelo trabalho duro que desenvolveu. E Irmão Francisco o acompanha principalmente na doença e na dor, deixando-se impressionar pelo estado de Champagnat até a hora da morte. Há no Irmão Francisco a experiência da agonia que passou com Champagnat nos últimos momentos da vida.

Nessa experiência corporal e mística, Irmão Francisco rompe uma dualidade existencial e desvela a unidade ontológica quando professa: “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Não é outra coisa senão sua mística do ser em Cristo, compreendida desde o ponto de vista do querer, uma incorporação ao corpo de Cristo.

Constatamos então em Francisco um profundo caminho de unidade com o Senhor e de busca contínua da vontade de Deus, que ele descreveu nas orações, e que o fez escrever:

O que faria? Eu que reconheço claramente não ter a força do corpo e da saúde, e ainda menos aquela do espírito e da virtude? A vontade de Deus se manifestou. Eu me submeto a ela na doce confiança de que Aquele que, com uma mão, impõe-me este fardo, com a outra, sustentará seu peso⁸⁰.

Ao buscar viver a vontade de Deus em todas as dimensões de sua vida, Irmão Francisco busca uma vida de configuração ao corpo de Cristo, assim como Paulo, em que une práxis e mística, pois uma conduz à outra, pois a experiência de Deus o coloca no mundo.

Acreditamos que o Irmão Francisco passou por etapas místicas⁸¹. Ele vivia esse constante movimento, viveu a mística da união nupcial, destacada em um trecho do “*Acte de Conségration et d’union parfaite*”:

que nos remete à abertura ao outro, pois a vida acontece neste espaço ético: “Estive nu e me vestiste...” (Mt 25). “Somente ao atender a dimensão ética, social e política da existência mística se está em condições de realizar uma experiência mística autêntica”. VELASCO. *El fenómeno místico*, p. 465.

⁸⁰ 301, p. 43.

⁸¹ Existe uma terminologia tradicional, da Idade Média, para representar a caminhada espiritual: via purgativa, via iluminativa e via unitiva. São estágios diversos ao longo da mesma e única via. Em cada uma das vias há também diversos estágios que dependem da característica de cada opção de vida. Na Sagrada Escritura, a via purgativa aparece como a purificação da alma (Sl 23; 1Cor 9,26-27) e também como exercício da penitência. A via iluminativa aparece na prática do bem e da virtude (Fl 3,13-14; 15-17), ou seja, na imitação de Jesus Cristo. E a via unitiva é demonstrada pela busca da paz, que só se encontra na união íntima com Deus (Lc 9,23; Gl 2,20; 2Cor 2). É o viver em Jesus: “Não

Eu desejo, ó meu Deus estar absolutamente e perfeitamente unido a vós, andar sempre em vossa santa presença, pensar continuamente em vós, vos honrar, vos amar, vos servir e vos louvar por tudo o que existe e por tudo o que possa fazer. Mas como as ocupações, as distrações e as misérias espirituais e corporais da vida se opõem frequentemente a meus desejos e afastam-me de vós, eis os acordos que ousou fazer convosco e que vos rogo aceitar⁸².

Comparamos a frase de Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”⁸³ (Gl 2,20). O desejo de configuração ao corpo de Cristo não é outra coisa senão sua mística do ser em Cristo, compreendida desde o ponto de vista do querer. Irmão Francisco busca uma incorporação ao corpo de Cristo, representado na última parte da oração:

Todas as vezes que eu olhar a imagem da cruz, que eu vir uma igreja ou que erguer os olhos ao céu, eu pretendo dizer-vos que minha felicidade consiste em olhar-vos, em amar-vos, em pensar em vós, em servir-vos nesta vida e em contemplar-vos na outra com todas vossas amáveis perfeições e que eu me una a todos os atos de amor que foram feitos, que se fizeram e que se farão durante a eternidade por Nosso Senhor Jesus Cristo, pela Santa Virgem, por todos os Anjos, por todos os Santos do céu e por todos os justos da terra.

Eu desejo ainda, por todas minhas aspirações, todas as minhas orações, meus pensamentos, minhas palavras, minhas ações e minhas penas, renovar todos os atos de consagração, de união e de penitência que vos tenha feito até agora. E eu desejo por isso dar-me perfeitamente a vós e que tudo o que está em mim vos pertença absolutamente, totalmente e irrevogavelmente. Eu desejo entrar intimamente em vós que não seja mais que eu mesmo, seja em vós, de maneira que não seja mais eu que viva, mas que seja vós que vivais em mim, que assim eu louve através de seus louvores, que eu adore por toda a grandeza de vosso ser e que eu vos ame por todo o ardor de vossa caridade. Assim seja⁸⁴.

sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim”. Para a tradição a partir dos Padres da Igreja, como Clemente de Alexandria e Santo Agostinho, destaca-se a razão. TANQUEREY. *Compêndio de Teologia ascética e mística*, p. 363-821.

⁸² 302, p. 125.

⁸³ O Irmão Francisco cita o que o Cura D’Ars teria falado em um dia de festa: “Mas você não entende a sua felicidade! Deus se dá a você! Todo a você! Ele torna-se apenas um com você”, 301, p. 186.

⁸⁴ 302, p. 126.

Nesse trecho, encontramos a influência de Paulo (Gl 2, 20) e ainda a influência inaciana, como verificamos anteriormente. Constatamos em suas citações seu propósito de união com Deus, de entrega e configuração ao corpo de Cristo com todas as suas consequências, inclusive a cruz. Encerramos então com o texto do retiro de 1838, que copia sobre a definição de teologia mística da obra *Vie des pères, des martyrs et des autres principaux saints*, de Buttler e Godescard:

Entende-se pelo termo “teologia mística”, não um hábito ou ciência adquirida, como é teologia especulativa, mas um conhecimento experimental, um gosto de Deus que só pode ser aprendido, e não se pode obter por si mesmo, mas que Deus comunica à alma em oração ou contemplação. É um estado sobrenatural de oração passiva no qual uma alma, que foi crucificada em suas afeições terrenas, que desengajou das coisas visíveis, e que se acostumou a conversar no céu, é tão elevada pelo Senhor, que todas as suas potências são fixas sobre ela, sem pensar e sem imagens corporais representados pela imaginação. Neste estado, para uma oração tranquila, mas muito fervorosa, e uma vida interior do espírito, ela olha Deus como uma imensa luz eterna [436] e alegre êxtase, ela contempla sua infinita bondade, seu amor sem limites e suas outras perfeições adoráveis. Para isso, todos os seus afetos e todas as suas potências parecem transformadas em Deus pelo amor, ou ela permanece tranquilamente na oração da fé pura, ou ela emprega as afeições para produzir atos inflamados de louvor, de adoração etc⁸⁵.

Irmão Francisco possuía um bom conhecimento teórico sobre teologia mística, e compreendia a mística não somente como uma ciência adquirida, mas como graça, através da oração. Uma vez permanecendo em Deus, é transformado por sua infinita bondade e seu amor.

Considerações finais

Nosso itinerário foi marcado por três grandes movimentos na vida de Francisco. Primeiro, apresentamos as influências e aproximações de vários Atos de Consagração, e da comparação com o ACUP que ele copia de

⁸⁵ 303, p. 435-436 (St Denis, Godescard, note 8^{bre} 3).

uma das versões. Segundo, mostramos como o tema da busca da unidade e vontade de Deus está presente em sua vida, como se pode depreender do conjunto de seus escritos. Terceiro, sinalizamos que sua experiência espiritual, como mostram seus escritos e sua vida, corresponde a uma mística de configuração ao corpo de Cristo.

Importante ressaltar que, em nossa reflexão, a mística foi entendida como união da própria vontade com a vontade de Deus, que se revela no amor ao próximo, como meio e expressão do amor de Deus, mas também na dimensão ética e na práxis, que a provocam e a desenvolvem. Para isso, achamos por bem iniciar apresentando a abertura do Irmão Francisco à vontade de Deus, como expressa o ACUP. Essa oração foi copiada pelo Irmão Francisco e tem influências de diversas fontes, o que nos mostrou sua inserção na mística da época e sua íntima relação com o Senhor. Importante destacar que ele escolhe o termo cruz no lugar de coração, no momento de escrever a oração. A cruz o configura ainda mais ao Cristo, pois o olhar volta-se para a cruz para, a partir dela, mais amar, mais seguir e mais louvar a Deus. Isso é uma influência da espiritualidade inaciana. A cruz que o leva para a encarnação do Verbo, mais abaixo, ou seja, mais no mundo.

Descobrimos um Francisco atento ao Espírito em seu cotidiano, pois, para ele, estudar era rezar, aqui mesmo dever-se-ia buscar a vontade de Deus. E comparou inclusive o respeito aos superiores como vontade de Deus. Em quase todos os retiros tinha uma palavrinha sobre a vontade de Deus. Essa busca intermitente o faz configurar-se ao corpo, ao rosto, à história de Cristo. A mística de configuração ao corpo de Cristo, portanto, é um dos elementos chave da mística de Francisco.

De fato, ele esteve sempre muito atento às necessidades do momento. Soube discernir o tempo de aceitar a proposta de ser enfermeiro e cuidar do corpo físico, por exemplo. Compreendeu também seu momento de aceitar a direção dos Irmãos e ainda mais, de renunciar essa direção, mesmo não sendo compreendido à época. Todo esse movimento só foi possível porque buscava na oração uma proximidade com a vontade de Deus, ou seja, uma configuração ao Cristo. Contudo, para chegar a essa configuração, tornou-se mister vislumbrar a experiência de reconhecimento e de busca incansável de encontrar Deus, o totalmente-Outro, intrínseca à experiência mística.

O estudo em profundidade da experiência de Francisco nos permitiu aprofundar esta condição: é na profundidade da carne que acontece a experiência de nossa fé. Pois, o que parece obscuridade se torna mistério, e o mistério torna-se lugar de revelação: “o dom da vida se revela na obra do ato criador e é o fruto de uma filiação”⁸⁶.

Essa relação intrínseca entre mística, ética e práxis de uma inapreensível busca da vontade de Deus foi parte da vida do Irmão Francisco. Acreditamos que ele viveu em seu corpo e entranhas a vontade de Deus, vivendo e escolhendo a cruz de Cristo.

Irmão Francisco inaugurou, ao lado de Marcelino Champagnat, uma maneira de viver como uma comunidade de amor, de presença e de comunhão íntima com o Senhor. Nossa intenção foi caracterizar um fundamento a seu plano de vida espiritual, a oração professada a partir de seus votos, o que nos parece dar apenas um tom para o qual Irmão Francisco coloriu sua vida mística.

⁸⁶ LACROIX, X. *Le corps de chair: les dimensions éthique, esthétique et spirituelle de l'amour*. Paris: Du Cerf, 1992. p. 211.